

# PSICOLOGIA NA ESCOLA: POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERVENÇÃO EM GRUPOS

PSYCHOLOGY IN SCHOOL: PUBLIC POLITICS AND INTERVENTION IN GROUPS

PSICOLOGÍA EN LA ESCUELA: POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERVENCIÓN EN GRUPOS

**Fernando César Paulino-Pereira\***  
epifania.cps@gmail.com

**Juliana Bontempo Faria\*\***  
juh.bontempo@gmail.com

**Heitor Abadio Vicente\*\*\***  
heitor.abadio@hotmail.com

**REVISTA PEDAGÓGICA**

**Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566**

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

**Como referenciar este artigo:** PAULINO-PEREIRA, F. C.; FARIA, J. B.; VICENTE, H. A. Psicologia na escola: políticas públicas e intervenção em grupos. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 179-195, maio/ago. 2015.

**RESUMO:** A participação da psicologia nas políticas públicas tem crescido ultimamente, acompanhada pela construção de seu compromisso social e valorizando a construção de práticas comprometidas com a transformação social. O trabalho realizado por meio de oficinas terapêutico-educativas mostra-se muito eficaz em contextos de ações sociais, principalmente pelo fato de lidar com questões afetivas por meio de vivências que proporcionam a representação de diversas identidades a partir das relações com o seu contexto. Desde modo, o objetivo do presente trabalho consiste em investigar a realidade de alguns grupos na cidade de Catalão-GO e, a partir de observações, acolhimentos e oficinas, realizar intervenções. O espaço para a realização do estágio foi a escola Pedro Netto Paranhos, localizada no Pontal Norte. A demanda inicial apontada pelo presidente do bairro e alguns professores eram problemas com drogas e violências. Foram realizados alguns encontros com turmas da escola utilizando jogo e brincadeiras que fizessem com que os alunos se divertissem e também refletissem sobre temas propostos. Neste contexto, outra demanda se fez presente e refere-se à falta de expressão e perspectivas dos jovens, que foram temas trabalhados em propostas de intervenção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia. Processos grupais. Adolescentes. Identidade.

**ABSTRACT:** The involvement of psychology in public policy has been increasing lately, followed by the construction of its social commitment and valuing the construction of practices committed to social transformation. The work done by therapeutic and educational workshops seems to be very effective in contexts of social actions, mainly because of dealing with emotional issues through the experiences that provide the representation of diverse identities from the relations with its context. Thus, the objective of this study is to investigate the reality of some groups in the Catalão-GO and from observations, hosting and workshops, perform interventions. The space for the traineeship was Pedro Netto Paranhos School, located in Pontal Norte. The initial demand

indicated by the neighborhood leader and some teachers were problems with drugs and violence. There were some meetings with some classes of the school using some games that would take the students to have fun and also reflect on the issues proposed. In this context, another demand was present and it refers to the young people's lack of expression and perspectives, so being themes worked on proposals for new interventions.

**KEYWORDS:** Psychology. Group Processes. Adolescents. Identity.

**RESUMEN:** La participación de la psicología en la política pública ha crecido últimamente, acompañada de la construcción de su compromiso social y la mejora de la construcción de prácticas comprometidas con la transformación social. El trabajo llevado a cabo a través de talleres terapéuticos y educativos demuestra ser muy eficaz en contextos de acción social, principalmente a causa de lidiar con los problemas emocionales a través de experiencias que proporcionan la representación de las diversas identidades de las relaciones con su contexto. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es investigar la realidad de algunos grupos en la ciudad de catalán-GO y de observaciones, acogimientos y talleres, intervenciones de conducta. El espacio para la realización de la etapa fue a la escuela Pedro Netto Paranhos, situada en el Pontal Norte. La demanda inicial indicado por el presidente del barrio y algunos profesores eran los problemas con las drogas y la violencia. Ellos se llevaron a cabo algunas reuniones con los grupos escolares que utilizan el juego y los juegos que hicieron los estudiantes para divertirse y también reflexionar sobre los temas propuestos. En este contexto, otra demanda estaba presente y se refiere a la falta de expresión y las perspectivas de los jóvenes que estaban sujetos trabajado en propuestas de intervención.

**PALABRAS CLAVE:** Psicología. Processos de Grupo. Adolescentes. Identidad.

\* PhD. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão/Curso de Psicologia. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120/Bairro: Setor Universitário/CEP: 75704-020 – Catalão, GO – Brasil. Telefone: (64) 34415323.

\*\* Psicóloga pela UFG/RG.

\*\*\* Graduando em Psicologia pela UFG/RC.

## INTRODUÇÃO

A atuação do psicólogo tem se expandido para diversos campos de atuação e tem ganhado destaque nas políticas públicas nos últimos dez anos. Com essa ampliação, busca-se também o aprimoramento de práticas comprometidas com a transformação social e emancipação humana. Para isso, é realizado um trabalho que envolva o fortalecimento de pessoas e grupos para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade (CFP, 2005 apud CFESS, 2007).

Para que a atuação do psicólogo seja de fato transformadora e atenda às demandas da população que se propõe a auxiliar, é importante que se valorize a influência das relações sociais, dos valores e dos conhecimentos culturais que atuam diretamente sobre a formação da identidade das pessoas e dos grupos. Os sujeitos devem ter voz e participar do processo de tomada de decisões e do planejamento do que deve ser feito. Dessa forma promove-se também o desenvolvimento do processo de reflexão, autonomia e empoderamento de sujeitos, grupos e comunidades (CREPOP, 2008).

O acesso a esse tipo de serviço pode ser proporcionado pela inserção dos indivíduos nos serviços oferecidos pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). O CRAS é uma unidade pública estatal que tem por objetivo oferecer serviços de proteção social básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social, atuando de acordo com as normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). (BRASIL, 2009).

O CREAS também é integrante do SUAS, responsável por potencializar a capacidade e proteção da família pela oferta de apoio especializado e continuado a crianças, adolescentes e famílias com direitos violados. O serviço deve ser desenvolvido por uma equipe multiprofissional, que deve estar em estreita articulação com demais serviços socioassistenciais e de outras políticas públicas (BRASIL, [S.n.t.]).

A fim de expandir o alcance desses serviços, foi feito o vínculo com o CRAS do município de Catalão, a partir do qual foi possível conhecer o presidente da Associação de Moradores do Bairro Pontal Norte. Ele realiza trabalhos comunitários em prol dos moradores locais e procurou o CRAS devido à grande demanda da população a respeito do uso abusivo de álcool e drogas pelos adolescentes do bairro.

A partir desta demanda, buscou-se a inserção no bairro e o contato com os jovens por meio da Escola Pedro Netto Paranhos. Esta é a única escola do local e se mostrou como o espaço mais apropriado para a realização de grupos com os adolescentes. A atuação junto a esses jovens se deu por meio da criação de grupos terapêutico-educativos. Inicialmente foi feito um levantamento sobre suas demandas, expectativas, seus desejos e interesses, e também se buscou conhecer suas determinações históricas, econômicas, sociais e culturais. Somente com estas informações foi

possível propor um trabalho que realmente provocasse a reflexão e tomada de consciência sobre a sua condição como sujeitos individuais e grupais.

Com as observações e vivências do processo grupal, buscou-se entrelaçar teoria e prática a fim de, por um lado, fazer com que os indivíduos tomassem consciência da importância do grupo como mecanismo promotor da sua emancipação. Por outro, objetivou-se a contribuição para a ampliação dos espaços de atuação do Psicólogo e a reformulação de suas práticas pensadas a partir do contexto em que estão inseridas.

A inserção e a intervenção nas comunidades constituem um desafio para os profissionais da Psicologia, visto que a área tem passado por uma ampliação de seus campos de atuação. Os novos profissionais interessados em trabalhar com a Psicologia Social devem estar dispostos a atuar como pesquisadores capazes de transformar a realidade em que vão se inserir. É no campo que os conhecimentos científicos serão aplicados visando contribuir para a autonomia e desalienação dos grupos trabalhados.

Desse modo, ressalta-se a importância de estudos que visam discutir e ampliar o debate sobre estes novos campos e a atuação dos psicólogos para o desenvolvimento de uma prática profissional elevada à categoria de práxis-processo, de forma crítica e articulada.

Assim, estabeleceu-se como objetivo geral: investigar a realidade de alguns grupos na cidade de Catalão; e como objetivos específicos: identificar, por meio dos registros do CRAS, quais os bairros em que há maior incidência de demandas sociais; investigar o local e as demandas da população com vistas a formar grupos em que elas possam ser trabalhadas; planejar e executar grupos com instrumentos de intervenção no processo grupal a partir da abordagem educativo-terapêutica; discutir e ampliar as possibilidades de atuação do psicólogo.

Quanto ao método: as estratégias metodológicas utilizadas para a elaboração do trabalho que neste resultou foram a observação participativa, o acolhimento de alguns jovens, visitas domiciliares e oficinas terapêutico-educativas com grupos de alunos da Escola Pedro Neto Paranhos. A observação é um método de investigação importante por possibilitar ao pesquisador a aproximação e o contato com o fenômeno estudado. Após a vivência de cada momento na comunidade, era elaborado um diário de campo que, segundo Pelissari (1998), é uma forma de registrar o que se olha, como se olha e o que se faz com o que é visto. Essas anotações foram utilizadas como base para as propostas realizadas nos grupos e fundamentação para o presente trabalho.

A partir dos dados obtidos, buscou-se a integração entre teorias e práticas psicológicas a fim de propor ações que visassem a transformação da realidade do grupo e também contribuíssem para o desenvolvimento e a ampliação dos campos de atuação da Psicologia. A importância da

articulação entre teoria e prática como princípio da pesquisa em Psicologia Social revela que o problema a ser investigado é apenas um ponto de partida, podendo ser aprofundado, reformulado ou substituído durante a pesquisa a partir dos interesses da população atendida (TITTONI; JACQUES, 2002).

De acordo com Reboredo (1995), os psicólogos devem realizar sua investigação como uma práxis que busque o conhecimento para a sua área de atuação e também assumam o compromisso de retornar esse conhecimento para a população que o originou. “Na atividade do psicólogo, teoria e prática devem ter a mesma relevância científica, pois ‘não se pode realizar prática criativa sem retorno constante à teoria, bem como não se pode fecundar a teoria, sem confronto com a prática’” (REBOREDO, 1995, p. 16).

Dessa maneira, a participação no cotidiano desses jovens teve o intuito de constituir-se participe das ações e expectativas construídas nas interações que ocorreriam nesses espaços (SPINK, 2007), através de visitas e reuniões que possibilitaram as relações com a população. Nesses momentos, buscava-se coletar dados quantitativos e qualitativos. Os quantitativos referiam-se a quais comunidades eram assistidas pelo CRAS. A partir dessa análise, optou-se por realizar o trabalho em um bairro pobre da cidade com as crianças da Escola Municipal Pedro Neto Paranhos por meio de grupos terapêutico-educativos. Nos grupos realizados, eram feitas observações e anotações posteriormente analisadas de forma qualitativa.

Pôde-se perceber que, dentro do estudo, a pesquisa-ação teve um espaço bastante particular e coeso com o que se propôs. Entende-se por pesquisa-ação um tipo de pesquisa que articula a relação entre a teoria e a prática no processo de construção do conhecimento, sendo a dimensão da prática fonte e lugar privilegiado da pesquisa. A própria investigação se converte em ação, em intervenção social que possibilita ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada (TITTONI; JACQUES, 2002).

A participação das pessoas envolvidas com a investigação mostrou-se de fundamental importância. Segundo Melo Neto (2003), “[...] na pesquisa-ação, o participante é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna sujeito desta produção [...]”, ou seja, os próprios participantes também ocupam o lugar de investigadores e colaboradores.

Para Franco (2005), a análise de estudos realizados recentemente no Brasil revelou que a pesquisa-ação tem recebido pelo menos três conceituações diferentes, podendo ser crítica, colaborativa e estratégica. A metodologia de pesquisa utilizada neste estudo aproxima-se bastante da pesquisa-ação crítica, visto que esta leva em consideração:

[...] a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito

fará parte da tessitura da metodologia da investigação. [...] Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos (FRANCO, 2005, p. 486).

O método escolhido para este trabalho buscou mais do que o levantamento das informações e o registro de dados. Buscou estabelecer uma relação dialética entre investigadores e investigados, entre teoria e prática. E o que se espera como resultado é a emancipação e desalienação da população atendida por meio da tomada de consciência dos valores e das ideologias que permeiam suas ações e da importância do trabalho em grupo para a (re)construção da práxis grupal.

A opção pelo trabalho em grupo justificou-se pela premissa de que toda ação que vise a transformação da realidade só ocorre quando os indivíduos estão agrupados (LANE, 1984). Assim, todo o grupo foi questionado com relação ao que gostariam de trabalhar em conjunto e, a partir das respostas, foi pensando um protocolo de seis encontros abordando os seguintes temas: autoimagem, adolescência, drogas, preconceito, violência e a importância do trabalho em grupo.

## REVISÃO DE LITERATURA

É válido reforçar o quanto a participação da psicologia nas políticas públicas tem crescido ultimamente, acompanhada pela construção do seu compromisso social e valorizando a construção de práticas comprometidas com a transformação da realidade. Segundo o Conselho Federal de Serviço Social (CFSS) (2007), para intervir por meio da política de Assistência Social é preciso estar atento aos processos que se instalam nas comunidades, nos territórios onde as famílias estabelecem seus laços mais significativos. Assim, alternativas têm sido criadas visando o fortalecimento de grupos voltados para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade e com o objetivo de promover a emancipação humana.

Reboredo (1983) ressalta a importância de manter contatos do psicólogo com a população atendida, diminuindo a distância entre pesquisador e a comunidade, permitindo vivenciar o seu cotidiano e uma coleta de dados que permita propor atividades de intervenção. Desse modo, acredita-se que é preciso que o psicólogo visite e conheça o contexto das pessoas com as quais irá trabalhar para, a



partir daí, pensar em práticas que realmente estejam articuladas com as demandas e os desejos da população atendida e que provoque mudanças de fato.

Uma vez que o pesquisador se compromete com causas populares, ele deve:

[...] compreender e utilizar a metodologia como um plano de ação ou um caminho que deve ter como objetivo a conscientização, mobilização e organização da população, assim como basear os critérios de cientificidade na compreensão de que o grau de verdade da metodologia está na capacidade de dar respostas aos problemas da vida cotidiana. (REBOREDO, 1983, p. 2).

Nestas novas práticas comprometidas com as causas supracitadas, o psicólogo, segundo Reboredo (2001), deve ser visto como um atuante na realidade social que não se limita apenas a explicar o mundo, mas transformá-lo ativamente. A relação entre sujeitos, que orienta o trabalho do pesquisador na pesquisa-ação, deve ser de compromisso e participação. A comunidade não deve ver o psicólogo como o sujeito que tem a solução pronta para seus problemas. A práxis do psicólogo deve voltar-se ao estudo e à intervenção na vida cotidiana, pois é nela que realmente se concretiza a relação dialética entre indivíduo e sociedade.

A fim de pensarmos a vida cotidiana, encontramos em Heller (2004) a orientação para o aproveitamento de todas as possibilidades que a cotidianidade nos oferece. O cotidiano é a vida de todos no dia a dia, nas relações que estabelecemos com os outros, com as instituições e com os grupos. A sociedade e os grupos que a compõe se modificam ao longo do tempo e também se diferenciam quando se encontram no mesmo contexto (ADORNO; HORKHEIMER, 1973). Cada grupo tem suas especificidades marcadas pelo contexto político e sócio-histórico a que pertencem, sendo difícil encontrar uma característica que se possa aplicar igualmente a todos.

Lane (1984) afirma que, para conhecer o grupo e a sua ação grupal, é indispensável contextualizar sua existência a partir de uma perspectiva histórica, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas, além de conceber o grupo como um processo histórico, e não como algo estático. Toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando os indivíduos se agrupam. Todo e qualquer grupo tem uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais geradas pelas relações de produção. Desse modo, Lane (1984) também afirma que o grupo, em suas ações ou na sua organização, reproduz uma ideologia, que sem uma análise histórica não é captada.

A história pessoal dos membros do grupo também é muito importante no desenrolar do processo grupal. A história de cada um faz parte do grupo pelo sistema de papéis que ele assume e desempenha no decorrer do processo. É

preciso saber como a identidade de cada indivíduo se constrói, constitui e se transforma (LANE, 1984).

Adorno e Horkheimer (1973) compreendem os grupos como instâncias intermediárias, através das quais o indivíduo se insere na sociedade. O grupo pode ser uma comunidade de interesses, uma aglomeração casual de indivíduos, uma comunidade cônica de si mesma ou apenas unida por algumas características objetivas. Os autores apontam as discussões em busca da definição do termo. Em 1920, este era baseado quase exclusivamente na oposição entre “individualista” e “universalista”, com destaque para a teoria da dinâmica de grupo. Os defensores dessa teoria ressaltam as interações do grupo com o indivíduo e as constantes mudanças geradas por essas interações, aplicável a diversos grupos, independente do tamanho, mas tendo como primeiro plano os microgrupos. Para os críticos, os grupos maiores têm ideologias diferenciadas, não sendo possível entendê-los a partir do estudo de pequenos grupos.

A compreensão adorniana nos leva a discernir a proposição materialista histórica de Martin-Baró (1989), que trabalha com a perspectiva do grupo como processo que se dá de forma dialética.

Os principais parâmetros para analisar o processo grupal, segundo Martin-Baró (1989), são a identidade grupal, que é a definição do grupo e o que o diferencia dos demais; o poder de que o grupo dispõe na relação com outros grupos; e quais atividades realizam. De acordo com o autor, esses parâmetros são essenciais para definir a natureza de qualquer grupo. Esses parâmetros são utilizados para a análise do processo grupal e devem ser pensados de forma articulada, de modo que um está sempre influenciando o outro.

Para se pensar o trabalho com processos grupais, é preciso que se compreenda a identidade das pessoas, bem como a movimentação dos sujeitos e dos grupos nos campos operativo, afetivo e valorativo (PAULINO-PEREIRA, 2011). Para identificar como o grupo caminha nesses campos, é necessário que se compreenda a movimentação do grupo. Sartre (1970 apud REBOREDO, 1995) analisa o desenvolvimento do grupo a partir do entendimento dos momentos de Serialidade, Fusão, Juramento, Organização, Fraternidade-Terror e Institucionalização. Cada momento condiciona o seguinte e a passagem de um ao outro não segue leis, e sim se estabelece em meio a um processo (REBOREDO, 1995).

A Serialidade é um tipo de relação humana em que os sujeitos vivem na solidão, isolados e alienados, sendo facilmente substituídos. Segundo Reborredo (1995, p. 39), “[...] a individualidade se confunde com individualismo e os indivíduos assumem a condição de coisas”. Para superar a Serialidade, é preciso que os indivíduos deixem de ser alienados para que sua práxis possibilite a tomada de consciência da realidade.

Após a superação da Serialidade, vive-se o momento da Fusão da Serialidade na qual os indivíduos percebem que dependem um do outro e tomam consciência de uma tarefa comum. Quando os indivíduos vivem mais fortemente essa condição de pertinência ao grupo com o compromisso de não retorno à alienação marcada pelo individualismo, tem-se o Juramento. Segundo Sartre (1970 apud REBOREDO, 1995, p. 43):

Com o Juramento o grupo assegura o estatuto ontológico que diminui os perigos da diferenciação. O Juramento não é necessariamente uma operação verdadeira e uma decisão explicitada. Na verdade, quando um grupo em cada terceiro e por cada um se propõe como seu próprio fim, e quando esta reflexibilidade prática define, mesmo implicitamente, a aceitação comum do tema, basta que a violência, em suas formas negativas (liquidação dos indiferentes e dos suspeitos) e políticas (fraternizações) se manifeste para que o estatuto de permanência seja a imediata evidência para cada terceiro totalizador.

No juramento, segundo Reboredo (1995), há a criação de instrumentos que visam impedir a dispersão de grupos e que acabam por favorecer o sentimento de irmandade e as condições necessárias para o momento da Organização. A Organização é um momento operacional no qual as tarefas são divididas de acordo com as habilidades de cada um buscando evitar que o grupo se perca. A autora aborda também o comportamento do grupo, quando na Organização, dizendo que:

[...] o grupo estabelece os meios para lidar com as condições objetivas; para tanto, tarefas são atribuídas a partir das potencialidades de seus membros e das condições materiais existentes. No desenvolvimento das tarefas, os membros do grupo diferenciam-se a partir da qualidade da ação, podendo com isto configurar-se a reorientação do poder no grupo, ou ainda redefinir-se os “terceiros mediadores” (REBOREDO, 1995, p. 44).

No próximo momento, o da fraternidade-terror, o grupo busca evitar a dispersão retomando o juramento de forma mais dura e redistribuindo as tarefas. Na Institucionalização, a divisão das tarefas passa a não mais ser por habilidades, e sim por interesses. Para Sartre (1970 apud REBOREDO, 1995, p. 44), esse momento significa a formação de subgrupos por meio da especialização e a possibilidade da dispersão, causando a morte do grupo (REBOREDO, 1995).

A análise do momento em que o grupo se encontra, a partir das proposições de Sartre, mostra-se de fundamental importância para o psicólogo que busca intervir em



determinado contexto por meio de uma práxis que busque realmente transformar a realidade em questão. A passagem do homem alienado, que vive na serialidade, para o homem participante do grupo constitui a práxis-processo, responsável por formar sujeitos com compromisso político e desalienados, evitando a morte do grupo pela burocratização.

Pensando nessa prática de intervenção junto à comunidade, Paulino-Pereira (2011) ressalta que o profissional de Psicologia deve fazer uma observação bem próxima e pontual sobre o grupo que será trabalhado. É nesse campo que os conhecimentos científicos serão aplicados, exigindo do psicólogo conhecimento, técnica, habilidade e criatividade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, buscou-se desenvolver atividades no CREAS da cidade de Catalão, que ainda está em fase de implantação. Seu modo de funcionamento contém algumas particularidades que ainda impedem o seu funcionamento de acordo com os objetivos a que se propõe. Há uma divisão perceptível entre o CREAS, que é constituído por um diretor, uma coordenadora, uma assistente social, um educador social e duas psicólogas; e a Liberdade Assistida, da qual fazem parte apenas uma advogada e uma assistente social. Na Liberdade Assistida, são acolhidos adolescentes em conflito com a lei, enquanto no CREAS são acolhidos os adolescentes vítimas de abuso ou negligência. Os jovens que cometeram algum ato infracional são encaminhados para as medidas socioeducativas, as quais se constituem em limpar banheiros de asilo ou o chão do próprio CREAS. Os adolescentes vítimas de abuso, negligência ou maus tratos recebem atendimento clínico individual pelas psicólogas da instituição.

Várias foram as tentativas no sentido de criar grupos para trabalhar com os jovens atendidos pela Liberdade Assistida. Entretanto, o desinteresse por parte dos responsáveis pela instituição e o desconhecimento das bases de atuação do CREAS, juntamente com as dificuldades de acessar os adolescentes, fez com que não fosse possível a realização de trabalhos em grupos. Não há nenhum tipo de medida socioeducativa que possa ajudar na conscientização desses jovens sobre as consequências dos seus atos. As medidas adotadas têm apenas o caráter punitivo e, muitas vezes, não são cumpridas pelos jovens, que não temem nenhum tipo de advertência. Quando estes atingem a maioridade, têm os seus casos arquivados e a responsabilidade não é mais da Liberdade Assistida.

O único apoio oferecido pelo CREAS consistiu em pedir que as estagiárias de Psicologia participassem de uma capacitação em Goiânia. A “Formação continuada dos profissionais do Sistema Sócio-Educativo do Estado de Goiás” era voltada para todos os profissionais do CREAS, que deveriam atuar em conjunto com os adolescentes em conflito com a lei. Como isso não acontece em Catalão e os

profissionais da instituição consideraram que essa formação não era voltada pra eles, as alunas vinculadas ao estágio em tais Centros de Referência é quem foram enviadas em seus lugares.

A capacitação permitiu o contato com profissionais dos CREAS de a toda região e as suas realidades. E, ao contrário do que afirmam os profissionais da cidade, é possível alcançar os objetivos principais do CREAS, que consistem em garantir a proteção e o atendimento interdisciplinar imediato às pessoas em situação de risco, fortalecer vínculos familiares e a capacidade protetiva da família, fortalecer as redes sociais de apoio à família, prevenir agravamentos e buscar reduzir a violação de direitos e a sua reincidência, garantindo acompanhamento social e psicológico a crianças, adolescentes e famílias (BRASIL, s.n.t.). Entretanto, para que isso aconteça, é necessária a formação de parcerias dentro e fora da instituição, o que não existe no CREAS do município.

Contudo, por motivos alheios à nossa vontade, o foco do trabalho teve de ser modificado. O CREAS não possibilitou oportunidades para que um trabalho realizado com grupos fosse desenvolvido. Não há profissionais suficientes no local e os que ali estão não atuam de forma organizada, em parceria com outras instituições ou sequer promovem emancipação dos usuários.

Diante desse fato, foi buscado outro campo de atuação e o CRAS mostrou-se receptivo às nossas propostas e proporcionou meios para realizá-las. A instituição já trabalha com grupos terapêutico-educativos em diferentes bairros da cidade. Um desses bairros é o Pontal Norte, conhecido por altos índices de violência e drogadição. O contato para o início dos trabalhos no local foi feito por intermédio do CRAS com o presidente da associação de bairro e foram apontados como demandas os problemas com drogas e violência enfrentados pelos jovens da região. Como proposta de trabalho, foi sugerido que houvesse oficinas de grupos com os alunos da escola do bairro.

A escola Pedro Netto Paranhos apoiou essa ideia e cedeu os horários da aula de Ensino Religioso para que pudessemos realizar os encontros. Foi pedido inicialmente que fosse trabalhado imediatamente a questão das drogas com os adolescentes. Entretanto, optamos por conhecer primeiro os alunos e investigar quais eram as suas próprias demandas.

No primeiro contato com as turmas, foi pedido a cada aluno que se apresentasse e contasse o que mais gostavam de fazer. Assim, buscou-se desvendar um pouco sobre a história pessoal de cada indivíduo e do grupo como um todo. Os alunos citaram atividades diversas como ler, escrever, acessar a internet, jogar *video game* e namorar. Eles também apresentaram o bairro onde moram. Quase todos residem no Pontal Norte e citaram as drogas e a falta de cuidado por parte da prefeitura como os maiores problemas enfrentados pelos moradores.

Conversando com os alunos das turmas A e B do nono ano, pôde-se perceber que eles tinham mais interesse em trabalhar temas como a autoimagem e a adolescência. De toda forma, eles apresentaram as drogas e a violência como um problema recorrente do bairro e que também deveriam ser discutidos. Assim, foi montado um protocolo com seis encontros que abordavam os seguintes temas: autoimagem, adolescência, drogas, preconceito, violência e, por fim, a importância do trabalho em grupo.

Para a realização dos encontros, foram utilizados jogos e brincadeiras que fizessem com que os alunos se divertissem e, ao mesmo, também refletissem sobre os temas propostos, aproximando-os da realidade em que vivem. Para entender melhor a dinâmica do grupo, houve bastante diálogo com a professora, que, além de demonstrar grande preocupação e interesse por seus alunos, afirmou que um grande problema das turmas trabalhadas refere-se à falta de expressão destes e de suas perspectivas.

Conversando com a professora ela revelou que uma aluna do curso de enfermagem veio na escola falar com os alunos e só a partir disso eles passaram a se expressar mais. Ela se mostrou muito preocupada com eles. No início não se manifestavam muito e, quando passaram a falar demonstraram que não tinham planos para o futuro, sem desejos. (cf. Diário de campo, 16 de Maio de 2011).

Nas atividades realizadas com os alunos, eles demonstravam muito interesse em participar do que era proposto, entretanto, quando era pedido que alguém expressasse sua opinião ou lesse alguma produção que havia feito, eles se recusavam a fazê-lo. Poucos eram os que se arriscavam a falar. Com o tempo, alguns foram perdendo a inibição e passaram a participar mais das discussões. Uma aluna, após a realização de um encontro, disse que não fala nada porque os colegas riem de tudo que ela faz. A professora reafirmou essa questão no último encontro, quando foi realizado um apanhado dos temas trabalhados e do que os alunos tinham gostado ou não.

A professora disse que na sala há muitas pessoas que criticam os colegas com o único objetivo de ofendê-los, e isso tem se tornado um grande problema, na medida em que alguns alunos não participam da aula ou não expressam suas opiniões com medo do julgamento dos outros. (cf. Diário de campo, 13 de Junho de 2011).

Com relação ao conteúdo dos temas trabalhados, foi possível também analisar a percepção dos alunos com relação a outras questões que permeiam a sua realidade. Com relação à autoimagem, tanto os alunos da turma A quanto da B demonstraram pouco interesse em

ser outra pessoa ou mudar alguma coisa em sua aparência. Eles afirmaram, em sua maioria, que eram felizes do jeito que são e que não gostariam de mudar. Os demais alunos responderam que gostariam de ser pessoas famosas, bonitas e com boas condições financeiras, por acreditarem que a vida de pessoas com tais características era perfeita.

Das duas turmas, apenas uma aluna da sala A se dispôs a ler sua resposta e disse que gostaria de ser imortal. Então foi proposto ao grupo uma discussão a respeito dos pontos positivos e negativos da imortalidade. Alguns colegas nem imaginavam de que forma isso poderia ser ruim, mas os demais apontaram algumas desvantagens como passar por momentos de guerra ou ver as pessoas das quais se gosta morrerem.

Depois de alguma insistência para que os outros alunos também se dispusessem a falar suas respostas, eles ainda resistiam. Dessa forma, foi proposto que a coordenadora fizesse a leitura de algumas respostas, sem identificar o autor, para que pudessem continuar com a discussão. Os alunos concordaram e discutimos sobre como deveria ser a vida das pessoas que eles admiravam, com todos os seus prós e contras. A discussão fluiu e foi possível perceber a reação de satisfação do aluno que escreveu a resposta, mesmo sem se identificar, ao ver suas ideias discutidas pelo grupo.

No encontro sobre adolescência, foram discutidos valores, grupos e mudanças relacionadas a esta fase. Os alunos das duas turmas apontaram dificuldades com relação a quais valores seguir, se os dos pais ou dos amigos, para a formação de sua identidade. Oportunamente, os alunos se sentiram mais a vontade para expressar suas opiniões.

Alguns alunos se dispuseram a ler as respostas em voz alta e os demais discutiram sobre o que ouviram. Um dos principais pontos levantados pelos alunos foram os grupos de amigos. Alguns falaram que eles são essenciais e ajudam em muitos momentos em que eles não têm espaço para falar com os pais. Outros alunos defenderam que são fortemente influenciados pelos valores dos pais, pois são eles que se preocupam de verdade com os filhos. (cf. Diário de campo, 23 de Maio de 2011).

Com relação a outras questões apontadas como comuns da adolescência, as mais discutidas foram sexo, drogas, escola e amigos. A falta de educação foi apontada pela maioria como associada ao uso de drogas e o sexo inconsequente. Uma aluna definiu os adolescentes como “ignorantes” por fazerem somente o que querem, não ouvindo os pais ou discutindo suas ideias com outras pessoas. Quando questionados se não era possível

associar o sexo com responsabilidade e a continuidade dos estudos, os alunos da turma B não souberam o que responder. Na turma A, eles mostraram que isso é possível, desde que sejam tomadas as devidas precauções.

Nesse encontro, buscou-se discutir também a respeito do conceito de adolescência partindo do pressuposto de que ela é definida de diferentes formas, dependendo do contexto em que se encontra. Ao serem questionados sobre quando se tornaram adolescentes, os alunos tiveram respostas das mais diversas, como a “partir do momento em que eu passei a assumir as responsabilidades pelos meus atos e decisões” ou “quando deixei de apanhar dos meus pais”. Alguns alunos discordaram pelo fato de já se considerarem adolescentes e ainda “apanharem” dos pais quando fazem algo errado. Uma aluna afirmou que não “apanha” mais, mas nem por isso tudo ficou mais fácil, pois as discussões com os pais sobre o que é certo e errado se mostraram tão difíceis quanto às surras.

Na turma B, a discussão tomou maior amplitude devido a alguns acontecimentos na escola. Os alunos tinham feito muita bagunça durante a aula de uma professora. Esse fato fez com que eles discutissem como seus comportamentos ainda oscilavam de infantilidade à maturidade. A professora que acompanhava nossas reuniões afirmou que é por conta de situações assim que ela não se sentia motivada a propor coisas novas aos alunos. Uma aluna, por sua vez, indignada, disse que o mais difícil da turma era “quando os inocentes pagavam pelos pecadores”. Ela se referia ao fato de que nem todos participavam da bagunça, mas que isso não era levado em consideração no momento da punição, que normalmente estendia-se a todos da sala.

A participação no cotidiano desses alunos permitiu perceber quanto o seu movimento nos campos afetivos, operativos e valorativos encontravam-se na Serialidade. Eles estavam isolados, alienados, numa relação entre “EU e TU” que impedia a leitura da realidade num contexto maior (REBOREDO, 1995).

Os alunos vivem “[...] na cumplicidade para materializar os carecimentos ou para constatar a impossibilidade de realizá-los” (REBOREDO, 1995, p. 93). Essa carência é da presença do outro como agente participante da formação da sua identidade. É preciso que o grupo se unifique e estabeleça uma relação de reciprocidade, do “Nós”, interiorizando o outro como sujeito. Somente assim haverá a superação da Serialidade e poderá se instituir a práxis grupal. O grupo, principalmente nessa fase da adolescência, mostra-se como importante referência para a formação da identidade dos indivíduos. Essa identidade, segundo Ciampa (1998), supõe consciência, atividade e relação que só se realiza na proximidade com o outro.



No encontro sobre preconceito e violência, os alunos se dispuseram a discutir mais o assunto. Talvez isso tenha sido proporcionado devido à dinâmica dos “Rótulos”, que fazia com que os alunos sentissem de forma direta o julgamento dos colegas. A dinâmica constituía em escrever rótulos como “zombe de mim”, “ria de mim” ou “rejeite-me”, que eram distribuídos aleatoriamente e os colegas deveriam fazer com os outros o que estava escrito em seus rótulos. Todos falaram como foi receber cada rótulo e quais sensações tiveram. Os alunos que receberam os rótulos “aprecie-me”, “respeite-me”, “ajude-me”, “elogie-me” gostaram muito da forma como foram tratados. Os demais descreveram sentimentos como rejeição, isolamento e vergonha. Um aluno comentou que nunca havia se sentido ignorado e afirmou que muitos professores adorariam fazer isso com ele, pois conversa muito e faz muitas “gracinhas” durante a aula. Outra aluna, que pegou o rótulo “ria de mim” ficou tão incomodada com a situação que não quis fazer o que estava escrito no rótulo dos demais colegas.

A vivência desta dinâmica permitiu aos alunos sentirem o quanto os preconceitos diminuem e obstaculizam o aproveitamento das relações sociais. Segundo Heller (2004), o preconceito é sempre moralmente negativo porque impede a autonomia do homem, limitando suas escolhas. Quem não se liberta de seus preconceitos, de acordo com a autora, acaba fracassando. E para evitar que isso aconteça, é preciso assumir o risco do erro e abandonar a carência de individualidade.

Na discussão sobre o tema, os jovens comentaram que as pessoas julgam muito sem conhecer e citaram o ditado popular que diz que não se deve julgar o livro pela capa. Quando questionados por que algumas pessoas agem de forma preconceituosa, os motivos apontados foram a inveja, ignorância, intolerância e o racismo. Frente a isso, sugeriu-se que as pessoas deveriam agir com igualdade, tolerância, e que pensassem nas consequências dos seus atos. O preconceito foi apontado como uma forma de violência que não se manifesta somente no aspecto físico, mas também nas formas de racismo, *bullying*, isolamento, violência psicológica e xingamentos.

No encontro que abordava o tema das drogas, os alunos mostraram que possuíam muitas informações sobre a realidade de pessoas envolvidas com tais substâncias, e alguns afirmaram que já chegaram a ver ou até experimentar algum tipo de droga. Eles apontaram formas de conseguir a droga, os motivos que podem levar à sua procura, assim como formas de prevenir e combater o seu uso, citando trabalhos como o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). Os alunos descreveram os usuários de drogas como pessoas capazes de roubar e até matar para sustentarem o vício. Com relação à sua aquisição, eles

disseram que esta não é difícil, sendo possível ganhar de amigos para experimentar. Como motivos para a utilização das drogas por parte dos jovens, foram apontados má influência dos amigos, abandono do lar, problemas familiares e revolta com a própria vida.

Para fazer com que os jovens parem de usar drogas, foram sugeridas conversas sobre os males que elas podem causar, participação em projetos como o PROERD e clínicas de recuperação. Esses apontamentos revelam que os alunos entendem a gravidade que é o envolvimento com drogas e que as pessoas em situação de vício dificilmente conseguirão se recuperar sozinhas.

No último encontro, houve a retomada do que foi trabalhado e a devolução das nossas percepções sobre o grupo. Muitos alunos disseram que gostaram das dinâmicas e que aprenderam muito com as discussões. Alguns disseram que não aprenderam nada. A professora disse que isso pode estar mais relacionado à vontade do aluno de se opor aos demais do que realmente à sua opinião. Para retomar os temas trabalhados, foi proposta uma brincadeira em que era necessária a participação e a união de todos para discutir a importância do trabalho em grupo. A brincadeira não teve muito êxito e os alunos deixaram transparecer a falta de aproximação do grupo e de solidariedade com alguns colegas. A dinâmica, que consistia em trabalhar sobre a importância do grupo, mostrou-se ineficaz na medida em que os alunos não aderiram completamente ao que foi proposto e, os que aderiram, preocuparam-se somente com a sua parte em detrimento do grupo.

A discussão a respeito dos temas propostos mostrou-se positiva e, de fato, fez com que os alunos refletissem e reformulassem suas opiniões. Entretanto, nos campos afetivos e valorativos, o grupo ainda manteve-se na Serialidade. Pouco foi conseguido na busca pela emancipação das turmas como grupo de jovens do bairro Pontal Norte. Depois de quase um semestre juntos, os alunos ainda não conheciam todos os colegas e nem sabiam informar se ainda estavam matriculados na escola.

Como proposta para trabalhos posteriores, sugeriu-se a busca pela consolidação e emancipação de novos grupos, não só de jovens do Pontal Norte, mas dos demais bairros do município de Catalão. As relações sociais com novos jovens podem trazer novo ânimo e fôlego para a formação de grupos que superem a alienação e promovam a emancipação dos indivíduos e do coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da prática de intervenção e orientação junto à comunidade, foi possível levar a campo alguns dos conhecimentos que a Psicologia vem produzindo. Foi possível ampliar a teoria com as vivências no cotidiano do grupo pesquisado. Esse envolvimento, juntamente

com o desenvolvimento de políticas públicas, é capaz de elevar a prática profissional do psicólogo à categoria de práxis-processo, numa perspectiva ética e militante (PAULINO-PEREIRA, 2011).

Fundamentado pelo materialismo histórico dialético, o trabalho realizado buscou participar ativamente da criação de grupos formados por indivíduos desalienados e organizados em prol da coletividade. Entretanto, essa atuação enfrentou alguns obstáculos que acabaram impedindo a realização de um trabalho mais efetivo e contínuo. Ao final do semestre, a escola envolveu os alunos em eventos e acontecimentos durante os horários das reuniões. Em outros dias, liberava os alunos antes do horário previsto para o término das aulas. Por fim, foi pedido que as reuniões fossem feitas em outro horário, que não o das aulas, para não atrapalhar o fluxo das disciplinas. Quando os grupos foram transferidos para outro período, havia-se perdido o vínculo e os alunos não quiseram mais participar.

A crítica feita à falta de apoio de algumas instituições estende-se também para alguns profissionais de Psicologia na cidade. Inseridos em órgãos públicos como CRAS e CREAS, eles ainda não conhecem seus deveres e não desenvolvem trabalhos de acordo com as suas funções. A falta de políticas públicas voltadas para a emancipação do sujeito se deve, em grande parte, à atuação alienada e alienante de muitos profissionais da cidade.

Assim, após vivenciar todo esse processo, torna-se ainda mais claro que a participação da Psicologia nas políticas públicas deve ser comprometida com as causas populares. Devem-se buscar junto à população quais as demandas a serem atendidas para que juntos formulem quais práticas serão realizadas. Somente dessa forma haverá um trabalho desalienante que proporcione a emancipação dos indivíduos e afirme a prática do psicólogo como uma práxis transformadora da realidade.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Temas básicos de sociologia**. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas**: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Gestão do Creas. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaoespecial/creas/gestao-do-creas>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Parâmetro para atuação de assistentes sociais e**

**psicólogos(as) na Política de Assistência Social.** Brasília: CFP/CEFESS, 2007.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS. **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2007.

FRANCO, M. A. S. Educação e pesquisa. **Redalyc**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LANE, S. O processo grupal. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder.** Psicologia social desde Centroamérica II. San Salvador: UCA, 1989.

MELO NETO, J. F. Pesquisa-ação (aspectos práticos da pesquisa-ação nos movimentos sociais populares e em extensão popular). In: RICHARDSON, R. J. (Org.). **Pesquisa-ação: princípios e métodos.** João Pessoa: EdUFPB, 2003. v. 1, p. 183-197.

PAULINO-PEREIRA, F. C. (no prelo). **Psicologia crítica: integração entre teoria e prática na comunidade.** 2011.

PELLISSARI, M. A. **O diário de campo como instrumento de registro.** S.I., mimeo., 1998.

REBOREDO, L. A. **A Transformação de um bairro operário em uma comunidade: um estudo na psicologia social do cotidiano.** Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1983.

REBOREDO, L. A. **De eu e tu a nós: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais.** Piracicaba: Unimep, 1995.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia Social**, Porto Alegre, EdPUC-RS, vol. 19, n. 1, 2007.

TITTONI, J.; JACQUES, M. G. C. Pesquisa. In: STREY, M. N. **Psicologia Social Contemporânea: livro-texto.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.